

revista Eptic

v. 26, n. 2, mai.-ago., 2024
ISSN: 1518-2487

Apresentação



Creative Commons



Atribuição



Não comercial



Compartilha igual

<https://br.creativecommons.net/licencas/>

Caros/as leitores,

A nova edição da Revista EPTIC vem a público poucos meses após o falecimento da economista Maria da Conceição Tavares. Não poderíamos deixar de registrar sua passagem e fazer menção à sua contribuição no campo da Economia. Tavares fez parte de uma geração de economistas que, por diferentes caminhos, buscaram compreender a sociedade brasileira e o caráter tardio e periférico do capitalismo no país, sem deixar de relacioná-lo à divisão internacional do trabalho. Uma geração que buscou transformar suas formulações em políticas públicas, com vistas a contribuir com a redução das desigualdades no Brasil. Que não se furtou a denunciar o neoliberalismo, em um momento em que este aparecia quase como o decurso natural da história.

Melo (2019) divide o pensamento de Maria da Conceição Tavares em quatro momentos: o primeiro, da Cepal, com foco no debate sobre desenvolvimento latino-americano; depois, da Unicamp, quando questões sobre o padrão de acumulação e de industrialização do Brasil ganha relevo; o da UFRJ, época em que desenvolveu textos importantes sobre a situação do imperialismo; e, por fim, a fase mais recente, em que reclama novamente o papel do Estado no desenvolvimento de políticas públicas contra a desigualdade. Esse resumo de temas mostra, facilmente, a atualidade das questões levantadas e que, de certa forma, voltam agora, diante dos desafios frente à intensa concentração e centralização da produção social sob a forma de capital e suas repercussões em relação ao papel dos países na divisão internacional do trabalho e quanto à soberania nacional.

Particularmente o aproveitamento que Maria da Conceição Tavares dá aos esquemas departamentais de Kalecki, de decidida inspiração em Marx, aponta para uma avaliação de economias como a brasileira, nas quais o departamento III (próprio daquela produção voltada para o consumo da classe trabalhadora) é completamente deteriorado pelos baixos salários, o que gera uma série de contradições na reprodução do capital. Esta formulação foi muito relevante para o desenvolvimento da Economia Política da Comunicação no Brasil, pois está nas bases da compreensão da estruturação das audiências em Mercado Brasileiro de Televisão. Aí se radica uma postura firme diante do abismo social que repuxa trabalhadoras e trabalhadores para padrões de injustiça e miséria, contra o que Conceição sempre se opôs, oferecendo a capacidade crítica para a formulação de argumentos teóricos, proposições analíticas e resultantes políticas.

Não deixa de ser interessante que o número que aqui apresentamos trate de um dos temas que mais tem mobilizado o debate sobre o futuro do capitalismo e levado a própria academia a revisitar as discussões daquela geração: a Inteligência Artificial. Há, em toda parte, preocupações com o impacto que ela pode ter sobretudo no plano da economia. Multiplicam-se dados mais ou menos alarmistas sobre a possível eliminação de postos de trabalho. Surgem propostas de facilitação da comercialização de dados, considerados ativos típicos da chamada nova indústria. Fala-se, inclusive, na superação da humanidade com a multiplicação da linguagem artificial. Disputas em torno da regulação se acirram. São, todos, aspectos da aparência do fenômeno que precisa ser entendido em sua essência, se quisermos ir além do *hype* e pensarmos, de fato, o Brasil e o mundo contemporâneos.

Mirando esse objetivo, a Revista Eptic apresenta, nesta edição, dossiê "*Inteligência artificial sob as lentes do marxismo e do pensamento crítico*", organizado por James Steinhoff (University College Dublin); Jonas Valente (Oxford Internet Institute) e Rodrigo Moreno Marques (Universidade Federal de Minas Gerais). Ele apresenta diferentes visões críticas sobre o fenômeno, possibilitando o debate entre tais perspectivas.

Na perspectiva da Economia Política da Comunicação que temos desenvolvido, no Brasil, em torno do grupo Obscom-Cepos e da Revista Eptic, partimos da compreensão de que a discussão sobre Inteligência Artificial e seus impactos sociais deve considerar, em primeiro

lugar, que o desenvolvimento tecnológico não se dá simplesmente como autodesenvolvimento, mas por sua vinculação com dinâmicas sociais que definem seus contornos, ritmo e direção. No capitalismo, volta-se à busca para ampliar a exploração do trabalho, aumentar margens de lucro e servir como arma nas disputas intercapitalistas. Para tanto, progressivamente a ciência passa a ser incorporada como uma força produtiva a serviço do capital, facilitando formas de captura dos conhecimentos dos trabalhadores, que passam a ser plasmados em máquinas. Invertendo a realidade, estas são apresentadas como os elementos centrais da produção. Como se vê novamente nos debates em torno da IA, as máquinas são tidas como portadoras de inteligência, numa clara fetichização da tecnologia que oculta a essência do fenômeno: o conjunto das relações sociais que subjaz ao aparato tecnológico.

Em relação ao trabalho intelectual, uma grande transformação que está na base do problema da inteligência artificial tem início nos anos 1970. A reestruturação capitalista levou a uma crescente aproximação entre informação, comunicação e cultura à dinâmica do capital, permitindo a subsunção do trabalho intelectual e a intelectualização geral dos processos de produção e consumo (Bolaño, 2002). Assim, são viabilizadas novas formas de exploração do trabalho intelectual e cultural e de controle sobre a população, como com a criação e exploração de direitos de propriedade intelectual, “constituindo formas de apropriação rentista e especulativa da mais-valia produzida nos mais diversos setores da produção material e simbólica” (Bolaño, 2014, p. 137).

Tal trajetória ganha, agora, um novo capítulo com o reforço da chamada inteligência artificial (IA), que consideramos uma tecnologia emergente associada ao paradigma digital. A IA, na visão de Dyer-Witheford, Kjosen e Steinhoff (2017), é uma manifestação da fusão de computação e comoditização. Embora seu desenvolvimento ganhe força ainda no fim da primeira metade do século XX, é possível identificar um momento contemporâneo de retomada, aceleração e generalização de sua aplicação. Steinhoff (2021) elenca três fatores que contribuíram para essa aceleração: a combinação entre plataformas digitais, dados e inteligência artificial; o crescimento do custo da mão de obra na China, o que provoca a busca pela automação; e o renovado interesse em aplicações militares de IA pelos Estados Unidos.

Para justificar esse processo, historicamente é promovida uma ideia que associa a tecnologia ao progresso. Em seu estudo sobre o conceito de tecnologia, Álvaro Vieira Pinto (2005, p. 62) destaca que, “para tentar obscurecer a evidência dos fatos, busca-se incutir na mentalidade das nações periféricas a crença de que esse é o mecanismo natural e inevitável do progresso, a forma de que, para os homens e as nações, se reveste a lei biológica da seleção dos mais fortes.”. A lógica de uniformização gera, na verdade, diferenças importantes entre os países. No caso dos mais pobres, tornam-se consumidores de tecnologias já consideradas obsoletas nos países mais ricos. Participam, ainda, como provedores de matérias-primas e de força de trabalho barata, que é ampliada com a expansão do trabalho mediado por plataformas, também chamado de “trabalho remoto”.

Hoje, a IA é elemento central na disputa geopolítica que se dá, sobretudo, entre EUA e China (Stanford University, 2024), ao passo que os países latino-americanos, fragilizados pelo histórico de exploração e, mais recentemente, pelas políticas neoliberais que reduziram brutalmente a capacidade do Estado desenvolver suas políticas de ciência e tecnologia, comparecem como consumidores de tecnologias, o que amplia as desigualdades econômicas e reduz a possibilidade de autonomia cultural. Guiada pela lógica mercantil e homogeneizante, a IA pode ainda, para além da problemática fundamental da luta de classes enfatizada acima, reproduzir opressões históricas de gênero, raça, território e outros marcadores sociais, além de aumentar a pressão sobre os ecossistemas.

A tecnologia é, portanto, elemento que desestabiliza e aguça as contradições capitalistas, além de ser objeto de disputas constantes. Esses são os motes dos artigos publicados no dossiê “*Inteligência artificial sob as lentes do marxismo e do pensamento crítico*” que apresentamos

nesta nova edição da Revista Eptic. Não obstante sua centralidade, fazemos na revista um esforço de trazer à tona também outras questões que seguem tendo grande centralidade na contemporaneidade, como a televisão, abordada no texto “TV Cidade Verde: agendamento midiático das atividades econômicas no programa Piauí que Trabalha”, de Juliano Vargas e Nícolas Nunes Barbosa. Contribuindo para a compreensão da ligação entre as questões, Manoel Dourado Bastos discute “A crise imanente da comunicação como forma social”, texto em que critica o mais recente livro de Habermas publicado no Brasil: “Uma nova mudança estrutural da esfera pública e a política deliberativa”.

Desejamos uma boa leitura!

Helena Martins, César Bolaño e Rodrigo Moreno Marques, pelo comitê editorial.

Referências

BOLAÑO, César. Trabalho intelectual, comunicação e capitalismo: a reconfiguração do fator subjetivo na atual reestruturação produtiva. **Revista Sociedade Brasileira de Economia Política**, Rio de Janeiro, n. 11, 2002, p. 53-78.

BOLAÑO, César. Consideraciones sobre derecho y comunicación en el capitalismo contemporáneo. **Perspectivas de la Comunicación**, Vol 7, nº 1. 2014, pp.133-138.

DYER-WITHEFORD, N.; KJØSEN, A. M.; STEINHOFF, J. **Inhuman Power: Artificial Intelligence and the Future of Capitalism**. Pluto Press, London, 2019.

MELO, Hildete Pereira (Org.). **Maria da Conceição Tavares: vida, ideias, teorias e políticas**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo / Expressão Popular / Centro Internacional Celso Furtado, 2019.

STEINHOFF, James. **Automation and Autonomy: Labour, Capital and Machines in the Artificial Intelligence Industry**. Springer International Publishing, 2021.

<https://doi.org/10.1007/978-3-030-71689-9>